



“A ruína não nos dá medo... levamos um mundo novo em nossos corações”

*Ruin does not scare us... we carry a new world in our hearts*

*La ruina no nos da miedo... llevamos un mundo nuevo en nuestros corazones*

Nil [\*]

---

[\*] Doutoranda em História pela UFJF. Possui o canal História com a Nil, disponível no Youtube. E-mail para contato: nilcianaalves@gmail.com.

---

Após lançar a chamada para trabalhos referentes ao *Dossiê Anarquismo(s) em Perspectiva* fui atravessada por um breve sentimento de insegurança. Qual seria a repercussão do dossiê no campo brasileiro de estudos sobre anarquismos? Será que receberíamos reflexões? Sabemos que o *status* do anarquismo<sup>1</sup> dentro das Universidades foi, e, em alguma medida, ainda é, negativo; quase que reduzido a estigmas. Assim, é com muita alegria que anunciamos a publicação do *Dossiê Anarquismo(s) em Perspectiva*, uma iniciativa que reúne reflexões acadêmicas capazes de mostrar o anarquismo para além dos reducionismos, resgatando a potência crítica e criativa, imprescindível em um mundo como o nosso.

Thalita Coelho Dantes (UnB), em *O que é preciso: diferença sexual e as relações de gênero no anarquismo para Maria Antonia Soares*, resgata a visão das mulheres anarquistas em torno da emancipação feminina. A partir de Maria Antonia Soares, a autora demonstra os esforços dessas mulheres anarquistas em construir novos modos de subjetivação e novas formas de existência, dando vida a contradispositivos de gênero potentes para as lutas atuais.

Em “*¡Madres! educad bien a vuestros hijos*”: *entre a reprodução e subversão de discursos sobre a maternidade no periódico La Voz de La Mujer (Buenos Aires, 1896-1897)*, Gabriela Schwengber (UFSM) evidencia como as redatoras anarquistas realizaram um trabalho intelectual ao reproduzirem, mas também subverterem, alguns discursos médico-científicos predominantes na

---

<sup>1</sup> Aqui, o singular é aplicado como soma (confluência) das pluralidades, isto é, dos anarquismos. Ademais, vale lembrar que, após a leitura dos trabalhos, trouxemos para o presente editorial algumas reflexões sugeridas pelos (as) autores (as) em seus respectivos artigos, no objetivo de mapear o dossiê e instigar a leitura.

época. Elas elaboraram uma crítica profunda aos pilares da sociedade, possibilitando às mulheres outras formas de enxergarem a si e aos outros, algo ainda necessário no mundo contemporâneo.

Cello Latini Pfeil (UFRJ), em *Por um manejo trans-anarquista da linguagem*, convida o anarquismo a *transicionar*, ou seja, a resgatar a potência criativa que o acompanha desde seu surgimento, mas que, muitas vezes, é enfraquecida pelas forças dos dispositivos. Considerando o “trans-anarquismo” como algo atravessado por princípios anarquistas e pelos movimentos por emancipação das vidas trans, o autor apresenta uma crítica ao anarquismo cisnormativo e ao assimilacionismo. Reivindicando a despatologização e recusando ao autoritarismo científico, o “trans-anarquismo” defende a autonomia corporal e da ajuda mútua e, ao mesmo tempo, propõe o exercício de constranger as normatividades e seus modelos idealizados de existência por meio do que é chamado de “ofensa da nomeação” (a nomeação da norma).

No artigo “*A Revolta das Máquinas*” (1896) de Han Ryner: *uma crítica anarquista individualista à mecanização da vida*, Gilson Leandro Queluz (UTFPR), ao analisar Han Ryner, aproxima anarquismo e literatura, demonstrando como a tradição individualista do anarquismo foi capaz de elaborar, por meio da literatura, críticas à organização do trabalho, ao militarismo, à ciência e à tecnologia como elementos de enquadramento da vida. O autor destaca como essas críticas se tornam especialmente importantes contemporaneamente, diante da ascensão das novas tecnologias e da constante precarização do trabalho.

Danilo Freire Rodrigues (UFCG), em *Anarquismo Negro e anarquistas “de cor”*, apresenta uma discussão sobre o anarquismo negro e resgata a trajetória de quatro anarquistas negros que participaram ativamente do movimento operário urbano durante a Primeira República. Ao traçar as vidas de Candido Costa, Lima Barreto, Eustáquio Marinho e Domingos Passos, o autor rompe com a noção de que apenas militantes imigrantes e brancos estavam entre as lideranças mais radicais do Brasil, questionando a suposta “passividade do trabalhador nacional”.

Já em *Trabalhadores de Belém, uni-vos: anarquismo e sindicalismo revolucionário no estado do Pará (1912-1932)*, Marcos Lucas Abreu Braga (UFAM) retrata a trajetória dos esforços dos anarquistas residentes em Belém do Pará, no início do século XX, para fundarem federações sindicais sob orientação sindicalista revolucionária. Braga demonstra que, no caso do estado do Pará, o sindicalismo revolucionário se expressou muito mais como uma estratégia adotada pelos militantes libertários do que como uma tendência política autônoma. Por fim, evidencia que o anarquismo e o sindicalismo revolucionário contribuíram no processo de *fazer-se* da classe trabalhadora em Belém do Pará, bem como da história social da cidade.

Em *Internacionalismo, questões étnico-raciais e luta de classes na imprensa e na militância anarquista diante dos movimentos fascistas e do corporativismo no Brasil (1930-1945)*, Kauan Willian dos Santos (Unifesp/ITHA) analisa, a partir da imprensa, as campanhas anarquistas internacionalistas de solidariedade aos grupos étnico-raciais oprimidos. O autor rastreia as possíveis contribuições do anarquismo na formação de uma cultura política antifascista e, simultaneamente, no fortalecimento do internacionalismo dentro da cultura política anarquista.

Guilherme Barbosa de Faria Umbuzeiro (UFJF), em *Anarquismo e Marxismo: Notas libertárias acerca das disputas do socialismo clássico*, analisa as disputas no seio da AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores) como expressão da pluralidade das experiências reais das classes trabalhadoras europeias da época. Guilherme Umbuzeiro resgata a diversidade intrínseca ao socialismo, não o tratando apenas como sinônimo de marxismo. Com isso, retoma a tradição socialista libertária, soterrada pela marcha dos vencedores. Trata-se, partindo de Benjamin, de *redenção, rememoração e apocatástase* do socialismo clássico. Ao compreender a vertente libertária do socialismo como uma ética da prática, Umbuzeiro evidencia a potencialidade emancipatória da coerência ética entre meios e fins, tão importante para o universo libertário.

Rafael Viana da Silva (UFRRJ/ ITHA), em *Imperialismo, colonialismo e anti-imperialismo em Piotr Kropotkin (1885-1918)*, analisa a perspectiva do anarquista sobre imperialismo, bem como suas sugestões anti-imperialistas. Após percorrer seus escritos, Rafael Viana percebe que, para Kropotkin, o imperialismo é um desdobramento inegável do capitalismo industrial da segunda metade do século XIX. Em suma, seria uma fase do capitalismo, associada à ação dos estados nacionais em seus respectivos contextos. Consequentemente, o enfrentamento do imperialismo se daria no enfrentamento do Estado e do capitalismo. Rafael Viana, então, resgata a importância de se pensar uma estratégia revolucionária internacionalista.

Além dos referidos artigos, o dossiê conta com uma entrevista realizada com a *Kasa Invisível*, ocupação anticapitalista, autônoma e horizontal localizada em Belo Horizonte<sup>2</sup>. Na entrevista, conversamos sobre o surgimento da *Kasa* e a importância que a ação direta e o apoio mútuo têm na criação das novas ferramentas e linguagens de luta autônoma radical experienciadas ali. Além disso, ficamos sabendo como foi a turnê de divulgação do livro *Casa encantada: Um retrato da luta por moradia em Belo Horizonte*<sup>3</sup>. A entrevista está muito instigante e convido você a lê-la.

---

<sup>2</sup> <https://kasainvisivel.org/>.

<sup>3</sup> <https://www.glacedicoes.com/product-page/casa-encantada-renato-baruq>.

Aproveito a oportunidade para agradecer à *Kasa Invisível* pela disponibilidade e por expandir nossos campos de possibilidades.

Também compõem essa edição três artigos livres e uma resenha. Em *Getúlio Vargas, a ditadura civil-militar e o combate ao imperialismo: uma leitura da biografia Quem Matou Vargas (1974)*, de Carlos Heitor Cony, Marcelo Hornos Steffens (UNIFAL) abordou questões teóricas e metodológicas que envolvem a escrita biográfica e analisou a prática biográfica de Carlos Cony. Em *Isidoro: memórias e resistências*, Jéssica Fernandes Mourão (UFVJM), sob orientação da professora Dra. Vitória Azevedo da Fonseca (UFVJM), analisou o processo de exploração de diamante no arraial do Tijuco, destacando Isidoro de Amorim Pereira, escravizado no século XVIII, que se tornou figura mítica da resistência ao garimpo, sendo reconhecido pelas pessoas do arraial como símbolo de força, mesmo após sua morte.

Em *Imagem, texto e edição na literatura de cordel: possibilidades de análise*, José Rodrigues Filho (USP) estuda os diálogos possíveis entre imagens, textos e a edição no campo da literatura de cordel. Analisando as estratégias editoriais para a produção de imagens nos folhetos editados em tipografias de Recife e Juazeiro do Norte, o autor identifica mudanças, apropriações e negociações dos editores na criação de modelos visuais para o folheto. Conclui, ainda, que autores, editores, desenhistas e xilógrafos participam de um complexo jogo de interesses em uma arte que alcançou significativa importância no mercado editorial brasileiro.

O livro *Oliveiras e Venturas: Histórias e memórias de famílias Quilombolas em Patos de Minas Alto Paranaíba - Minas Gerais* (organizado por Jeremias Brasileiro) foi resenhado por Lucas Rodrigues do Carmo (UFG). Trata-se de uma publicação coletiva que visa reconhecimento e valorização das comunidades tradicionais como construtoras do presente e do passado da nação. Retratando as histórias e memórias das famílias quilombolas do Alto Paranaíba, a obra demonstra a potencialidade dos quilombos enquanto uma “sociedade dentro da sociedade” que luta pela liberdade e pela dignidade das pessoas negras.

Por fim, agradeço imensamente às pessoas envolvidas na construção do dossiê. Aos (às) autores (as) pela confiança; aos (às) pareceristas pela disponibilidade e responsabilidade; à Equipe de Assistentes Editoriais pelo dedicado trabalho; à Equipe de Revisão pela leitura e correção atenta; como também à Equipe de Comunicação, que será fundamental para a divulgação do dossiê.

Boa leitura!